



Gaiato

27 DE JUNHO DE 1970
ANO XXVII — N.º 686 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



«TRÊS FILHOS DAQUELAS TRÊS MÃES... DO BAIRRO DA MAXINDE, CUJOS PAIS, TRANQUILOS NUM RECANTO DA METRÓPOLE, NÃO PROCURAM SABER SE ELAS EXISTEM.»

Malanje

V EIO o Óscar da Base Aérea do Negage e o Sarapouzo numa Base terrestre do Forte-República. Mais dois lugares à nossa mesa. Pratos cheios — barriguinhas redondas.

Logo no primeiro dia foram arrancar ervas para os campos. Um deles me perguntou se o algodão era verde. As plantas verdes — disse-lhe — darão flocos brancos como a neve. Ficou a sonhar com a branquidão e eu com ele.

A S filas de algodão, alinhadas, parecem-me soldados certos em ordem à construção de mais uma casa. Mesmo que o nosso batalhão saia vencedor, o ritmo de produção não cobrirá os gastos. Gastos nas nossas construções — urgentes pela urgente necessidade de recolher crianças num ritmo maior.

Por tal aqui estou no «Famosos», nas Igrejas de Luanda, em gabinetes de fofos cadeirões e nalguns cinemas. Falar-te.

Não é a esmola ao inválido. Um beija mão. Sim, uma ajuda a rapazes que querem construir o seu futuro.

Vamos pois.

As vossas migalhas amorosas nos ajudarão a construir mais uma casa para trinta.

Olha que amanhã, precisamente amanhã — irei ao bairro da Maxinde por aqueles três filhos daquelas três mães... cujos pais, tranquilos num recanto da Metrópole, não procuram saber se eles existem.

Virão.

E, talvez, a pergunta se repita: «O algodão é verde?» E eu a mesma resposta: «O algodão verde dará uns flocos brancos como a neve.»

Padre Telmo

DOCTRINA

Os problemas da fome, da falta de habitação condigna, de educação — são hoje frequentemente mencionados e debatidos em imprensa e assembleias das mais diversas naturezas e tendências.

Bom é. Porque os problemas são. E durante muitos anos, neste «melhor dos mundos possíveis» que se pretendia fosse o em que vivemos, houve uma paralisia geral que infantilizou o pensamento, entibiu as vontades e tornou raquítica a faculdade de criticar, reduzindo-a à modalidade paupérrima, caricatural, de mal-dizer, botar-abaixo.

É aflitivo o conceito geralmente distorcido que há da crítica e a incapacidade de a exercer com rectidão, com amor, com sofrimento — que a tornariam evangélica «correção fraterna», toda dirigida a construir, a aperfeiçoar, a enriquecer, para que os homens

«sejam homens», conforme à exortação de Paulo VI; isto é: «tenham Vida e A tenham em abundância», segundo a palavra de Nosso Senhor.

E no entanto é fundamental e indispensável que os problemas, sendo, sejam conhecidos, para que haja quem se debruce sobre eles, quem sobre eles chame a atenção de muitos, até se criar um clima de corresponsabilidade na procura e na efectivação das soluções.

Onde o super-homem para as super-dificuldades que levanta mais de meio mundo prostrado no subdesenvolvimento? «Todos não somos demais...» — está certo dizer-se. Mas há-de ser dito em espírito de humildade e contrição, porque os flagelos em que a Humanidade se arrisca a perecer, são culpa dos homens, do seu orgulho, da sua cupidez, do seu egoísmo.

O homem que jaz na fome

com todo os seus pesos-mortos de sub-humanidade, jamais se libertará do abismo em que vegeta senão pelo caminho da educação. Mas nenhum chegará à educação sem que primeiro lhe matem a fome. É um

Continua na QUARTA página

Aqui Lisboa

por
Padre Luiz

A experiência cada vez maior nos dita que o ambiente natural da educação das crianças é a Família. Jovens que crescem à margem dos cuidados dos progenitores são sempre dotados de carências, afectivas ou psíquicas, que dificilmente se poderão preencher. Todavia, se bem que, por norma, só os pais sejam capazes de amar verdadeiramente os filhos, há que integrar as crianças noutros meios, desde que saudios, ao contacto com outras pessoas e em circunstâncias diversas das familiares. A escola, a começar pela pré-primária, o parque infantil ou jardim não deveriam ser considerados meramente acidentais na vida dos jovens. O habitat paternal t a m b é m produz marcas, afectando o crescimento harmónico da personalidade. Os extremos, em matéria de educação como em qualquer outra, tocam-se. Tão pernicioso é abandonar os filhos aos cuidados exclusivos de outras pessoas ou instituições, p o r maior que sejam os seus méritos, como a segregação dos jovens do contacto com o exterior. Para lá dos desequilíbrios ou aberrações existentes, resultantes do egoísmo dos pais, dum visão errónea do que deve ser a emancipação da mulher, ou da busca desmedida do material, há que aceitar as realidades e dar resposta às

Cont. na 3.ª página

VISADO PELA CENSURA

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Terminaram as nossas festas. Mas nós não esquecemos e queremos dizer algo aos nossos amigos leitores da maneira como decorreram, especialmente aquelas aonde fomos a primeira vez.

Começo por Anadia. Casa cheia, muito entusiasmo, muito amor e muito carinho. Nós, os actores, esforçamo-nos por fazer o melhor que pudemos. Tudo correu bem, graças a Deus. No fim houve o habitual lanche que mais parecia um banquete! Até não podia faltar o champanhe, pois estávamos na Bairrada. Comemos e trouxemos para os que tinham ficado em Casa. Seguiu-se Chão de Couce, que foi também muito bom. Os nossos rapazes até dizem que foi onde gostaram mais.

Guarda ultrapassou o que esperávamos e fomos acabar em Seia. Também nesta vila tudo correu bem, e não encontramos palavras para agradecer o amor e o carinho com que nos receberam em todas as terras onde fomos. Aqui fica um muito obrigado para todos os que colaboraram nas nossas festas, e para que tudo corresse bem.

EXAMES — Estão-se aproximando os Exames, e todos os da escola andam alvoroçados; uns mais contentes, outros mais tristes. Contentes os que têm quase a certeza de que ficam bem. Tristes, os que durante o ano não estudaram e portanto estão sujeitos a não passar de classe. Para já, fizeram exame da 4.ª classe, como adultos, o Manuelzito e o «Bichas». Ficaram bem.

OBRAS — Depois de terminado o nosso Lar de Coimbra, as obras continuaram em Miranda. Agora anda-se a construir uma casa de habitação, que será para o nosso professor Carlos Manuel. De seguida será mais uma escola, oficinas e casas de habitação para rapazes. Peça aos nossos amigos que acordaram com a construção do nosso Lar, para não voltarem a adormecer, pois nós temos ainda muito para construir e precisamos da vossa ajuda.

Fonseca

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O visitante amigo não estava. Trabalha no Porto. E, normalmente, regressa ao entrar da noite. Por isso, a notícia veio logo ao mais próximo — pela boca de uma criança: «O meu pai manda dizer que F. está de cama...» Conversámos. O pai desta criança faz — muito feito e fará — mais do que muitos que palram e se dizem cristãos.

O heroísmo deste homem, simples agricultor caseiro, tem servido para sacudir poeiras. Serviria até para demonstrar, em uma assembleia cristã, a aplicação prática do Mandamento Novo — o amor pelos que sofrem.

Vamos contar a história, sucintamente.

O doente é um atrozado mental. Tem um irmão, incapacitado, que auxiliamos também. E sobrinhos; operários que vivem razoavelmente... Estão uns e outros para cada lado. Solteiro, abrigava-se onde calhava. Mas, certo dia, encontrou um levita, que lhe deu tecto. E uns acólitos. A dependência não é barraca, nem aposento famoso. Mas está-se; com o mínimo indispensável para um homem só.

Em épocas de prostração — e enquanto pode andar — vem pelo caldo a nossa Casa. Quando não, o levita — pela mão da mulher — subtrai do seu à panela, com «adubo» e boroa — a sua mesa. E até lhe tratam da roupa!

Em redor não se dá fé. Pela discreção e simplicidade? Talvez. Aqui principia a grande lição! Para o mundo só o ouro reluz. E o incenso também!...

Como é sábado, o visitante amigo regressou mais cedo. Escutado o S. O. S., mal comeu o caldo! Pôs-se em campo e procurou resolver o problema. «Ele é capaz de não querer ir pró hospital...!» — retorquiu. Ainda hoje — e até quando?! — sobretudo nos meios rurais, por culpa das miopias d'ontem, os Pobres temem o hospital! Lá têm as suas razões. Muito recentemente já havíamos tomado o pulso ao doente. Não ficámos, por isso, admirados com a reacção do visitante amigo. Vamos, porém, até onde for possível. E não faremos tanto, nem mais, do que o levita — modelo de vicentino. Aqui está!

+ + +

O QUE RECEBEMOS — A presença dos nossos leitores, além de estímulo, é um apoio magnífico.

Abrimos com 500\$00 e um pedido: «Não indiquem a proveniência no Jornal». Redobrado valor! Mais 20\$00 de Palmira. Cinquenta e mais 50\$00 de velha Amiga da Murtosa. Mais um remanescente do pagamento da assinatura do Jornal, «pelo nascimento do 1.º filho, de um miúdo que criei com a idade de 8 meses e neste momento é pai e tudo correu livre de perigos, no parto». Mais 20\$00, de Lisboa. E o dobro, habitual, da assinante 17022. E mais 30\$00 do Funchal. E 100\$00 de um zero cuja presença — e humildade — enche sempre a nossa alma pecadora. Outra nota de 50\$00, da Circunvalação — Porto. E 20\$00 de uma funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques. Finalmente, mais uma presença muito assídua — A. F., do Porto — com 40\$00 «dos meses de Abril e Maio». Os subscritores espon-

tâneos são os mais rendosos. E os mais saborosos!

Todos os donativos devem ser endereçados à CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA. Assim é melhor.

JÚLIO MENDES

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Para todos os que não se esquecem de procurar esta crónica, a nossa maior gratidão.

Estamos numa época em que precisamos da colaboração e boa vontade de todos, pois cada vez os problemas da nossa Conferência se tornam mais complexos, e é necessário que nos preocupemos com os actuais e os resolvamos da maneira mais conveniente.

As últimas reuniões, têm sido vividas com lúcida união entre os confrades que expõem suas questões. Têm sido também alegres, pois vários confrades observaram nos seus constituintes um maior amor à vida e à própria casa, que, por vezes, não passa de simples cubículo.

Estou agora a lembrar-me de um lar pobre que vive num compartimento pequeno, e com o tecto a cair, onde ninguém quase podia entrar. Hoje, porém, com a vossa ajuda material e espiritual é um local digno de ser visitado. Este lar é constituído por um pai velho e com deficiência auditiva. A mãe tem várias doenças. Já esteve no sanatório e em vários estabelecimentos hospitalares e mal se arrasta. O filho tem 17 anos e trabalha.

Exemplifiquemos: para tais condições o pai precisa de um aparelho de audição. Será possível arranjar um? Quem levanta o dedo? O nosso estimado Pobre, fica à espera da vossa generosidade.

Antes de vos deixar, quero que os prezados leitores reflitam um pouco na vida e problemas do Pobre.

Ajude-mos os nossos, pois seremos ajudados.

Agradecemos também aos empregados do Banco Português do Atlântico que quiseram ser subscritores. Espero que dos que lerem o jornal, alguns se inscrevam também, pois temos tão poucos subscritores!

Adriano da Silva Fernandes

BENGUELA

O cacimbo chegou e as idas à praia terminaram. Era o nosso pasatempo de Domingo de manhã. Fomos todos em conjunto para a praia e aí estávamos até ao meio dia. Agora nada disso podemos fazer, visto o clima estar a arrefecer de dia para dia. De maneira que, isso implica outros divertimentos e nós que não os temos! Faltam-nos jogos e outras coisas para assim podermos passar o dia do Senhor em paz e em união entre todos.

Mais uma vez o frio chegou. Somos cento e poucos. Agasalhos para todos tem sido um problema. As nossas economias não dão para agasalharmos a todos como queríamos. Mas como o Senhor nunca

nos esquece, aguardamos confiantes.

CAMPO — Agora que o cacimbo chegou, a produção da banana diminuiu. Era o nosso ganha pão n.º 1. Viramo-nos para a batata, que já está semeada. Esperamos só que ela produza para a podermos colher.

OBRAS — Estamos actualmente empenhados na construção de uma nova casa que é para habitação, para podermos assim dar abrigo a mais alguns.

Mas ferro, tijolos, cimento, mão de obra — tudo isto é dinheiro. E o dinheiro!? Somos uma Obra do Senhor e Ele há-de mandar por vós.

FUTEBOL — Os nossos rapazes inscreveram-se num torneio de futebol de salão que vai haver na nossa cidade. O sr. Padre já trouxe a bola e as sapatilhas ficaram debitadas. Tudo isto, para estarmos ocupados. O sr. Padre fica contente quando nos vê ocupados em coisas válidas. Porque a solidão, por vezes, pode ser prejudicial.

Quando este jornal sair, já dois dos nossos se vão encontrar na Metrópole. Dois dos nossos que acabaram de cumprir o serviço militar. Viveram connosco; viveram os problemas da Casa e agora foram, mas de certeza que não se vão esquecer das dificuldades que deixaram. Embora longe, esta ideia nos seus espíritos jamais se apagará.

Luís Manuel

Paço de Sousa

Tenho na minha frente vários recortes de livros escritos por Pai Américo. Todos alusivos ao que representa e o que é a Casa do Gaiato para o farrapão das ruas.

Diz que «o pequeno não quer perder nem divorciar-se do que lhe pertence», pelo que «quando perde a mãe de sangue, vem em cata de quem faça as suas vezes». Referindo-se a um rapaz, que vem a nós em busca de quem faça as vezes da que o abandonou, afirma: «Não podia ter batido a melhor porta. As nossas governantas perdem-se em amor, quando os nossos pequenos lhes chamam mãe. Oh Mãe!»

Não quero ver deturpado o pensamento de Pai Américo, por culpa de alguém que se ofereça para fazer as vezes de mãe e se torne madrastra, só porque a sua doação, afectiva, não é total. Que nos interessa uma pessoa que venha para nós, mas não ame? Para nós, que raramente sabemos o que é amor, que andámos aos pontapés pelas ruas, tem mais valor o amor do que o pão. Creio, pois, que uma família onde o pão é insuficiente, não deixa de o ser; no entanto, numa família onde não há amor não é nem se poderá jamais chamar família.

É, pois, deturpar o pensamento do Fundador, quem se proponha vir para nós com o intuito de praticar a caridade, mas para quem o amor é impessoal. Compreendo e admito que a nossa maneira de ser,

fria e triste, não lhes arranque amor, mas pergunto: quem amar, se nunca notou que foi, ou é amado? Alguém, como nós, para quem o amor sempre foi palavra vã, amar antes que lhe mostrem a profundidade do verdadeiro amor? Não creio.

Disse um dos nossos padres, ao lançar um «desafio à mulher que quer ser mãe, não mãe do fruto que a carne gerou, mas destes que outras geraram e abandonaram, que venha, generosa e ousadamente sofrer as dores do parto que há-de sofrer dando o seu sangue e a sua vida para que estes filhos de ninguém tenham uma autêntica Mãe...»

Todo o pensamento de Pai Américo se engloba na mente deste seu continuador. É verdade que desejamos e fazemos votos para que nos cheguem autênticas Mães e não madrastras a quem a nossa presença incomode... Não queremos, somente, pessoas que saibam administrar e exigir disciplina. Queremos Mães que nos amem, com carinho maternal e nos ensinem a distinguir o bem do mal. Mães verdadeiras, que «não têm métodos de dar o peito aos seus».

PEDIDO — É humano que os senhores amigos, se cansem de nos ouvir pedir; mas, infelizmente, temos necessidade de o fazer.

O que me traz aqui é o facto de precisarmos de um frigorífico, de pouca capacidade, para o nosso bar. Todos os leitores assíduos do nosso «Famoso», sabem que temos um bar familiar na nossa sala de recreio. Ora, com este calor, as bebidas aquecem e, como é natural, tornam-se menos apetitosas. Quem vem em nosso auxílio?...

O apelo está lançado. Parece-me que já estou a ver uma carta dum amigo a dar-nos a alegria... Quem é?...

AGRADECIMENTO — Agradeço em nome do meu colega Manuel dos Santos, e de toda a nossa família, em especial os mais pequeninos, aos amigos que atenderam o seu pedido, enviando revistas e jogos. Deus vos pague!...

Manuel António

AS NOSSAS EDIÇÕES

Actualmente dispomos dos seguintes volumes:

- Pão dos Pobres II e III vol.
- Obra da Rua
- Ovo de Colombo
- Porta Aberta

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.



Esta saída da Procissão é marcada por uma maior afluência dos Avulsos, assim chamados por não terem regra especial de presença que nos permita classificá-los em qualquer dos outros grupos que a este se seguirão no desfile.

Temos alguém, «por intenções particulares» com 1550\$. É um anónimo do Porto com 150\$ a repartir pelo «Calvário». 100\$00 de Valadares. Quatro vezes mais da Parede. 50\$ da Quinta de Mosteirô. E uma fracção de lotaria de «S. O. S.»

«Um Apaixonado da Obra», mandou 20 contos. Apaixonado que é, sem se deixar cegar; e decerto tendo atendido à doutrina várias vezes lembrada ultimamente, sobre a vantagem de podermos dispor dos dons que nos entregam em favor de casas construídas pela própria Família, diz-nos que «gostaria fosse aplicada numa casa com o nome de Casa dos nossos Pais, em homenagem aos Pais de minha mulher e aos meus», mas deixa-nos a liberdade de «aplicar essa importância nas Conferências a cargo dos gaiatos e na maravilhosa Obra que dá pelo nome de «Calvário», ou do modo que entenderem seja mais conveniente.» Muito gratos por esta liberdade, destinámos 10 contos ao Património e 5 + 5 contos ao Calvário e a Pobres que nos batem à porta.

Este «Apaixonado» é do Porto. Lisboa marca duas pre-

AGORA

senças de 4 contos cada: uma habitual há vários anos; a outra, aí vai pela pena de quem a subscreve:

«Junto envio um vale de quatro mil escudos. Há muito que acalento a ideia de custear uma casa para o Património dos Pobres. Conheço as dificuldades da vida; por um bambúrio da sorte, tenho hoje uma situação desafogada — embora condicionada em parte a determinados factores. A ideia de proporcionar uma casa a uma família, a uma pessoa pelo menos, benefício que perdurasse para além da minha morte (tenho sessenta anos) dava-me uma grande consolação. No entanto, não tendo raízes fora de Lisboa, e as necessidades sendo muitas e prementes, poderia antes contribuir com a mesma quantia para diversas obras do Padre Américo. Como lisboeta, sinto-me ligado à minha terra; através do «Famoso» sinto grande ternura pelo Barredo; Setúbal tem toda a minha simpatia; temos finalmente o

Calvário, o problema sempre angustiante da velhice — problema que se apresenta com outras características mas igualmente agudo nas sociedades de abundância.

Deixo ao seu critério a escolha do «investimento». Pela minha parte, tomo a responsabilidade de uma contribuição anual, embora condicionada a quantia à situação material do momento.»

Pois também neste caso dividimos o bolo pelo Património, Calvário e Pobres.

Vêm agora as casas para que vários concorrem: 150\$ para a dos Licenciados, do mesmo de sempre. E 1000\$ para a Casa dos Estudantes, da mesma Mãe que a iniciou e que, julgo, continua sôzinha no empreendimento.

E não resisto a este voto caloroso com que esta «Mãe dos Estudantes» termina a sua carta:

«Que a vossa Obra, ou melhor, do Pai Américo progrida em todos os sentidos é o que eu peço a Deus, principalmente

o «Calvário» a que melhor conheço e conseqüentemente a que mais amo. Deus vos dê saúde e coragem para continuarem.

Afectuosamente grata pelo bem que fazem.»

Uma contribuição que desejo destacar. Há muitos anos as Alunas do Liceu Rainha Santa, do Porto começaram a aparecer aí com uma dúzia de contos, velho título de uma casa. Ainda este ano não apareceram, mas conto com elas. Pois

o «Ciclo Preparatório» que deste Liceu se destacou, aqui esteve há dias. E como são só dois anos e as economias mais pequeninas, conforme à idade das alunas, trouxeram 6 contos.

Os Pessoais não desistiram; mas também não contagiaram outros. O da Caixa Textil apareceu duas vezes com 544\$50 e 259\$50. O do Grémio da Panificação com 3 × 140\$00. O da Companhia Portuguesa de Electricidade, Sector II, com 1608\$00, 1573\$50, 1239\$40 e 329\$10. Trata-se do Pessoal que era da H I C A, cuja contribuição vem a decrescer desde Março a Junho, pelo que eu estou aflito com a fusão das grandes Empresas produtoras de energia eléctrica!

E para não alongarmos muito, ficam para a próxima os de todos os meses, mai-lo das casas a prestações.

Lourenço Marques

A melhor notícia de abertura destes maiseis é que a Fundação Dicca nos deu cinquenta contos, para ajuda na construção das nossas oficinas e prometeu voltar em dois anos sucessivos com igual. Foi um alento no avanço da Aldeia, que vai tão lenta.

E agora as presenças amigas de há uns meses até hoje. Um empregado da Rádio Avenida entregou 500 numa promessa quando ali fui nas andanças para a linha eléctrica. Cem a um vendedor. Açúcar branco da Incomati para o nosso café. Da filha dum antigo companheiro de Pai Américo que um dia trouxe umas lindas camas para os nossos batatas, mil, roupas e calçado. Uma máquina de costura. Uma cama. De Dinis da Beira 400. Dois mil para cimento do Amigo do costume e o desembaraço na Alfândega das máquinas de carpintaria mais os quase cinco mil escudos de emolumentos, que ainda pagou por nós. Um armário para a biblioteca dos rapazes, uma secretária e um violino de alguém dos «Velhos Colonos». Quem me dera ver os rapazes a tocar. Para já o Fernando serralheiro está um ás no piano. De uma Senhora mãe dum nossa amiga agora na Metrópole, não sei quanto e agora mais duzentos metropolitanos.

50 quilos de arroz de S. Gil. Um embrulho de roupas. Mil do sr. Julião da Malvénia que veio trazer notícias dos seus filhos adoptivos. Cem de uma moçambicana. Malas e candeeiros da rua A. de Orne-

las. Cruz da Beira cem todos os meses. Que religiosa persistência! 400 tijolos da Cerâmica de Umpala, para as nossas escolas. 400\$00 ao Renato à porta dos Maristas. Trezentas tábuas para blocos duma Serração. Não sei quanto dum aumento de vencimento de M. Lourdes. Da C. P. 14 da Beira 2040\$00. A Beira vai marcando. Vinte quilos de massa e 50 de farinha mensais da Matola. De uma empregada do BNU 500\$. Metade por alma de Guilherme. Um rádio, uma balança de cozinha, candeeiros e copos vieram na hora. De alguém que passou com tanta pressa que nem entrou 500\$. Muitos remédios. 35\$00 dum finalista do Instituto Industrial numa visita orientada por Professor nosso amigo orientador das nossas obras.

Da Permar cento e noventa e cinco todos os meses. Ainda ninguém seguiu este exemplo de persistência. A outro vendedor 50\$, na Catedral. Três mais dois mil de quem nos deu esta casa. Deus lhes conserve a saúde para que tenham a consolação de ver realizada a Obra a que tanto querem. Uma carrada de blocos às escondidas do pai. Do nosso Teles de Quelimane mil e quinhentos para uma parede. De Quelimane já cá temos dois rapazes. Entregue na Baixa por uma avó que empurrava o carro do netinho, cem. Metade todos os meses da Casa Bermina.

Que bem hajam de Deus quantos nos ajudam.

Padre José Maria

Cont. da PRIMEIRA página

exigências das crianças em matéria de convívio com outras pessoas, mormente jovens das mesmas idades. Temos de fomentar associações de pais e de educadores, edificar infantários e creches, abrir escolas infantis acessíveis a toda a gente... Deste modo, não só se beneficiarão as crianças mas também se servirão os pais empregados, que não sabem onde deixar os filhos durante as horas de trabalho e que se acham, tantas vezes, perante situações trágicas. Infelizmente, todos sabemos que pouco ou nada existe do tipo dos estabelecimentos indicados e que a solução comum, pelo menos nos grandes centros, onde não há familiares disponíveis, é o recurso às chamadas amas, pessoas frequentemente sem preparação e incapazes de realizar em condições satisfatórias a missão a que foram chamadas. Daí, muitos desajustamentos e carências, para os quais, nem sempre se encontram mais tarde explicações válidas.

Dois casos concretos no mesmo dia. Um casal de recursos médios, provenientes em exclusivo do seu trabalho quotidiano, queixava-se-nos das importâncias astronómicas pedidas pelos poucos colégios infantis existentes, incomportáveis para a maioria dos pais. Ante a necessidade imperiosa de trabalharem ambos e não tendo familiares a quem entregar a sua pequena filha, de 2 anos, viram-se compelidos a arranjar uma ama, «boa pessoa e carinhosa» mas incapaz, pela preparação adquirida e até pela idade, de estar à altura da sua responsabilidade,

Aqui LISBOA

para mais, com várias crianças a seu cargo. O segundo caso foi apalpado directamente ao inquirirmos da situação dum pequeno de 9 anos, filho de ninguém, hoje nosso, entregue aos cuidados dum ama pela Misericórdia, a troco dum escassa importância. As nossas impressões não poderiam deixar de ser negativas e temos agora a confirmação do que antevíamos. Tratava-se dum ama analfabeta, viúva, a rondar pelos 60 anos, tendo a seu cargo meia dúzia de crianças nas mesmas circunstâncias, ocupando uma habitação de dimensionamento escasso e vivendo deste tipo de trabalho. A criança, com a idade apontada, nunca havia frequentado a escola e assim permanecerá se a não fôssemos buscar. Falando a seguir com alguém ligado a problemas desta espécie, procurando, à míngua de estabelecimentos adequados, quem tome conta de crianças abandonadas, sem pais capazes, internados em hospitais ou presos, mais se enraizou em nós o desejo de denunciar uma situação nada dignificante.

Como resolver então o problema equacionado? Já indicámos como absolutamente crucial construir por toda a parte, a começar pelas terras ou bairros mais populosos, creches, infantários, escolas infantis, etc., dotadas de condições humanas e materiais e em que o espírito dos responsáveis vivifique toda

a acção. Dum lado, regime de internato para as crianças sem ninguém ou em posições equivalentes, absolutamente gratuito. O dinheiro que a Misericórdia, a Assistência à Família e outros departamentos assistenciais e caritativos, particulares ou oficiais, gastam com amas e similares deveria ser canalizado para esse fim. Por outro, regime de semi-internato, a meio tempo ou a tempo inteiro, para os pais poderem aí colocar os seus filhos, quer trabalhem ou não, a preços módicos ou gratuitamente, conforme os réditos de cada um. De qualquer modo, possibilidade de instrução e educação no meio exterior, em contacto com outros ambientes e no convívio com pessoas diferentes das que encontram em suas casas. A restauração imediata do ensino pré-primário oficial, por exemplo, impõe-se; a criação de quadros dotados de alma exige-se. Ao Estado, através dos seus órgãos especializados, às Câmaras e às Juntas Distritais, às grandes Empresas e à Previdência cabem os principais papéis. A Igreja, como sempre, não deixará de estar presente.

x x x

A praia começou. Aqueles que têm possibilidades de dar o sol e ar do campo ou do mar aos seus filhos, recomendamos os que nos pertencem.



A procissão continua! E com o mesmo interesse da primeira hora. É gente que vibra! Uns cantam; outros gemem. Deles que imploram; muitos em acção de graças. Enfim, é um rico desfile ecuménico de acção, de graças, de preces, de propósitos firmes, de verdade — de doação.

● ESTÍMULO PARA O CRENTE

Este postal vem de Espinho:

«Rogo o favor de enviar o grande propagador da fé e estímulo para o crente — «O Gaiato» — ao Sr. X.

«Esperando dever-lhe mais este favor, subscrevo-me muito grato...»

Foi terra que palmilhei, de sacola ao ombro — anunciando o «Famoso». Palmilhamos. Hoje é o Celso, do Lar do Porto. As contradições do primeiro ano de venda do Jornal, as sucessivas presenças e alocações escaldantes de Pai Américo e seus sucessores, nos púlpitos ou na cabine sonora da esplanada ou no palco do S. Pedro — foram semente e adubo. É terra fértil, produtiva! Tanto que, hoje, na vila, são mais de 400 os leitores vivos do «Famoso». A plateia do S. Pedro testemunha todos os anos. E os nossos amigos vão compreendendo, progressivamente — e cada vez melhor — a importância do «Famoso», como veículo de liga-

Campanha de assinaturas

ção. Os mais afoitos, até como órgão propagador da fé e estímulo para o crente! Bendito seja Deus. E viva Espinho!

● UM SE QUE DIZ MUITO

Segue uma presença de Caravelos:

«... Quanto à Campanha de Assinaturas, teria muito gosto em colaborar. Vamos a ver o que se pode arranjar. Mas estou sempre tão isolada, que tenho um limitado número de pessoas que poderão «com certeza» ser assinantes.

«Se toda a gente sentisse o prazer espiritual que eu sinto, ao ler o Jornal, que é sempre lido de ponta a ponta, com todo o gosto, nem seria preciso Campanha.

«Que Deus os ajude — e não lhes tem faltado — embora às vezes tenham as suas «dores de cabeça»...»

Aquele se... diz muito. Opinião muito válida. Por isso, a exigência de espontaneidade é uma constante da procissão. E produz frutos. E muito são.

● PASSAR DAS PALAVRAS ÀS OBRAS

Aqui temos Alcains:

«Junto envio um vale postal para a assinatura de um ano, a contar de Julho próximo, de uma menina que deseja ser assinante de «O Galato». Ao dar-me os 50\$00 para a sua assinatura, disse que se crescesse algum — visto que não sabe quanto é — seria para a Obra. Eu disse-lhe que aqui há uns anos era de 30\$00, se não estou em erro, mas que agora não sabia, pois que envio sempre mais alguma coisa.

«Peço muita desculpa por ser apenas uma assinatura. Mas Deus queira surjam mais para que o Jornal tão precioso — que muito gosto de ler — seja mais conhecido e mais amado e ajude a todos a passar das palavras às obras no Amor e Caridade de Cristo Jesus.

«Agradecia que, se fôsse possível, enviassem já o Jornal da 1.ª quinzena de Julho directamente para a nova assinante...»

O texto sublinhado identifica-se com a marcha da Campanha. É uma presença válida da Nova Lei, do Mandamento Novo. Os seus votos são nossos, também. E vamos prá frente!

● FESTA INESQUECÍVEL

Mais notícias a fumegar! É Chão de Couce:

«Estiveram aqui há uma semana os Gaiatos, numa festa inesquecível. Entusiasmo, vibração, generosidade.

«Houve 3 pessoas que me pediram para as inscrever como assinantes do «Famoso». Ai vão...»

Atendendo às circunstâncias — «festa inesquecível» — não nos custa nada a crer que hão-de ser ainda mais os tocados pelo «Famoso». Mas, caso não, só esse resultado justificaria a nossa última presença. E mais um viva para Chão de Couce!

● MAIS ESPONTANEIDADE

O testemunho passa de geração a geração! Ora vejam:

«Tendo falecido minha Tia... assinante de «O Galato» e desejando eu continuar a receber tão emocionante leitura, venho pedir que o mesmo me seja remetido para a minha morada actual: Freixo de Espada à Cinta.»

Júlio Mendes



Aconteceu no domingo, depois do regresso da Cadeia. Tomámos o rumo de um dos bairros suburbanos, conduzidos por mão amiga; em busca de alguém que precisava de nós. Lá no fundo, mesmo no extremo do bairro, era a morada que procurávamos. O assunto era de filhos de pai incógnito. De tão habituados a esta matéria, corremos o risco de nos tornarmos insensíveis e de ter como natural o que é anti-natural. Por isso temos que falar. E falar bem alto. Dizer toda a verdade.

Era uma rapariguinha nova, com três filhos pequenos, um ainda de colo. Dois deles, os mais velhitos, já tinham a marca da rua e do seu ambiente. A história destes

garotos é a história da mãe. O princípio é o mesmo. Para eles a falta do pai; para ela o abandono a que o pai de seus filhos a votou.

«Estes dois são filhos de um homem que viveu comigo algum tempo e depois desapareceu para a Metrópole. Não sei o paradeiro dele. Mandou-me embora, com os filhos. Este é doutro homem que me procurou e não mais soube dele», disse a mãe.

Quando alguém comete um crime, as autoridades não param enquanto não aparece o criminoso. O alerta é geral. Abandonar os filhos não será crime? Não será crime grave, gravíssimo? Onde está a máquina montada para buscar o criminoso até o encontrar?

Vamos ajudar aquela mãe. Não lhe vamos tirar os filhos. Talvez viesse a cair mais facilmente, de novo. Ela sabe costurar. Trabalho não lhe faltará. Falta-lhe, de momento, a máquina de costura. É por aqui o caminho. A caridade é inteligente. Se quiseres vir com a tua ajuda, o pão daqueles filhos e daquela mãe será o fruto do seu trabalho digno e não da ignomínia da prostituição.

x x x

Obras — Oíço o martelar dos pedreiros e carpinteiros. As paredes sobem. A placa de cobertura não tardará. O mais duro, porém, virá a seguir. São os acabamentos. É o azulejo para os quartos de banho. O mosaico para o chão. As loiças, as pinturas... Tudo isso perpassa pela nossa cabeça. A presença de alguns amigos é estímulo nesta caminhada. Há pouco, quando íamos pelo peixe que comemos todos os dias, ouvimos pela boca de um dos nossos rapazes: «O senhor da peixaria trata-nos como filhos a quem se sente obrigado a ajudar». A delicadeza com que todos os meses nos é dado o dinheiro para o pão que comemos; os donativos que depositam nas mãos dos vendedores de «O Gaiato»; ou pelo correio, ou na rua em nossas mãos — traduzem o carinho com que olham estes filhos que são de todos.

Padre Manuel António

Mais espontaneidade! Este é um postal a faiscar, remetido das faldas do Marão — Amaranite — onde contamos um núcleo de muitos e bons amigos. Vamos ler:

«Peço o obséquo que me enviem «O Gaiato». Estou interessado em ser assinante. Para mim tem muito valor essa Obra que o bom Padre Américo começou e que nunca mais há-de acabar. Pena é que todos nós, portugueses, não sejamos úteis em ajudar esta e outras instituições de tão nobre acção. Digam, por favor, quanto devo e como — para ser assinante.»

O quanto é o que entender. E o como, da mesma forma: por vale do correio, cheque, carta registada; qualquer meio seguro e prático ao seu arbítrio. Nada mais fácil. O que interessa é a devoção pela leitura do Jornal! O resto, vem por acréscimo.

● UMA SÍNTESE DA MARCHA

Da nossa Casa do Tojal, uma lista com 13 novos leitores de Aqualva — Cacém, Mem Martins, Parede, Santo António dos Cavaleiros, Rio de Mouro, Cova da Piedade, Pombal e Lisboa. Mais outras presenças directas da capital. E uma lista com gente fresca também de Queluz e Santo António dos Cavaleiros.

Além das notícias já registadas, houve ainda interesse em Vila Verde de Ficalho, Santa Cruz — Silveira (Oeste), Amadora, Alameda, Terra Chã — (Ilha Terceira), Braga e Arcos de Anadia.

Segundo o Avelino, estamos muito perto dos 1.400! E, como é óbvio, vamos a caminho dos 2.000...

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

círculo vicioso que só a minoria sã da Humanidade pode romper, projectando para fora daquela órbita fatalista o homem que vive ao nível das Primeiras Idades nesta era do Átomo e do Espaço.

Não há, portanto, voz que se levante que não deva ser escutada, pois pode ser portadora de mensagem; trará talvez seu contributo para a ressurreição de milhões de homens inconscientes do seu valor divino; sempre acordará algum adormecido na sua suficiência; ou acenderá no coração do homem que ainda não morreu completamente em sua humana valia, uma luz de Esperança, uma vontade de reivindicação salutar.

Que haja muita ganga à mistura?...! Mas não é ela sempre mais abundante do que o ouro que do seu seio se extrai?

O homem humilde, recto, apaixonado pela causa dos seus irmãos que subviverem, qual explorador de pedras ou metais preciosos, saberá distinguir o erro da verdade;

mas não desprezará toda a parcela de verdade escondida no erro. Como ensina o Evangelho, deixará crescer o trigo e o joio e, na colheita, saberá bem o destino a dar à boa e à ruim erva. Por amor do trigo consente o joio; para que se não perca uma espiga que há-de ser pão, aguarda que o joio esteja capaz de arder. Como o pastor deixa as 99 ovelhas para sair em busca da que se perdeu... Como os Anjos no Céu têm maior alegria por um pecador que se converte do que por 99 justos que perseveraram.

Na seara humana do trigo e do joio, este é sempre capaz de se converter em trigo.

Só a «Caridade é paciente, é benigna, não se ufana nem se ensoberbece, não procura o seu interesse, não suspeita mal, mas rejubila com a verdade». Só Ela «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.»

Por isso, só Ela é capaz destas conversões, por amor de todos os homens: dos que têm fome de pão e dos chamados a ser pão para os que têm fome.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE